

# A Crise Orgânica do Capital e a relevância estratégica da América Latina

**Resumo estendido apresentado de forma virtual na Mesa de Apresentação de Trabalhos do XVIII Seminário Internacional de Lutas contra o Neoliberalismo, no dia 19 de outubro de 2024.**

**Julia Bevilaqua  
Aluisio Bevilaqua  
Camila Queiroz**

## 1. Introdução e Objetivos

O presente trabalho é parte de um projeto de pesquisa coletivo, que ainda está em andamento, e busca compreender a atual conjuntura mundial para identificar o papel que a América Latina pode desempenhar na mesma, considerando suas características historicamente determinadas e as principais tendências a reger este seu movimento histórico na atualidade, conectadas a esta compreensão mais ampla do movimento da geopolítica mundial, no momento de plena manifestação e acirramento da Crise Orgânica do Capital.

Vivemos hoje claramente uma transformação na geopolítica mundial. A denominada Ordem Unipolar já dá sinais evidentes de desmoronamento, com outros atores protagonistas no questionamento e na ruptura de fato da hegemonia dos Estados Unidos da América (EUA). Esta transformação é movida, em sua essência, pela contradição essencial ao interior do modo de produção capitalista, cuja dinâmica é explicada pela tese da Crise Orgânica do Capital (BEVILAQUA, 2017, *passim*). Esta, por sua vez, expressa-se também como Crise Climática ou Crise Ambiental, contradição que põe em risco a própria existência da espécie humana no planeta. Nesta perspectiva em que se evidenciam as interdeterminações causais entre o fim da ordem unipolar hegemônica pelos EUA e a Crise Ambiental que paira como “Espada de Dâmocles” sobre a humanidade, é necessário pensar a América Latina em seu duplo status como importante base de sustentação à hegemonia estadunidense e palco de lutas e vitórias rumo ao socialismo; bem como maior reserva de biodiversidade no planeta, de recursos naturais estratégicos à transição energética e ao capitalismo verde, e de recursos humanos dotados de conhecimento histórico para exploração, preservação e manutenção destas reservas, cujos países são economias de média e até baixa composição orgânica de capital, o que ainda permite desenvolvimento e aplicação de muita ciência e tecnologia na produção, com retornos acima da média dos países centrais do capitalismo.

O presente trabalho parte da hipótese de que a atual conjuntura de Crise Orgânica do Capital e de ruptura da ordem unipolar hegemônica pelos Estados Unidos conduz a América Latina a uma posição estratégica na geopolítica mundial, reunindo condições historicamente únicas que nos permitem resgatar a proposta de nossos próceres de uma Federação de Repúblicas Soberanas e unidas, plurinacionais e multiétnicas, cuja gestão é compartilhada com base no interesse comum e no respeito mútuo. A incapacidade da OTAN se sobrepor à Rússia na Guerra da Ucrânia – apesar de investimentos recordes (SIPRI, 2023) dos países do Atlântico Norte para armamento bélico, inteligência e campanhas midiáticas – significa que a Rússia rompeu com o poderio militar da OTAN hegemônica pelos EUA. A China converteu-se este ano na primeira economia mundial em termos absolutos, e continua sendo um dos países que mais cresce economicamente, anunciando a ruptura econômica da hegemonia estadunidense. As duas potências trazem para o teatro mundial uma proposta de hegemonia compartilhada, sob uma nova ordem multipolar e multilateral, que tem nos BRICS seu protagonista. Neste processo de transição na hegemonia mundial, abre-se à América Latina a possibilidade de forjar sua unidade em torno da maior reserva de biodiversidade do mundo, transformando este recurso natural em arma geopolítica como fez a OPEP nas décadas de 1960 e 70. Para os povos do continente apresenta-se a oportunidade de dar um salto de qualidade em seu duplo status, deixando de ser mera base de sustentação para um modo de produção decadente para atuar como protagonista na transição a uma nova ordem mundial multipolar, de hegemonia compartilhada, e contribuir para a garantia da nossa sobrevivência perante a Crise Ambiental que ameaça a espécie humana, e para a transição a um futuro melhor.

## **1.1 Objetivos Geral e Específicos**

O presente trabalho tem como Objetivo Geral delinear o papel estratégico que a América Latina pode desempenhar na atual conjuntura de Crise Orgânica do Capital e de transição na hegemonia mundial dos EUA aos BRICS.

Para alcançar tal Objetivo Geral, tem como Objetivos Específicos:

1-Identificar os principais elementos que passam a dominar o desenvolvimento do capitalismo mundial segundo a tese da Crise Orgânica do Capital.

2-Delinear as principais contradições e tendências que regem a transformação da atual geopolítica mundial, identificando seus vínculos e interdeterminações com as formações historicamente determinadas que compõem o continente latino-americano.

3-Apresentar o desenvolvimento histórico – econômico, social, político e científico – da América Latina como totalidade, suas diferenças e traços unitários; as principais determinações que explicam seu papel no teatro geopolítico mundial, suas relações com os países do capitalismo central, em especial os Estados Unidos, e entre si; e suas potencialidades na atual conjuntura de transição da hegemonia mundial.

## **2. Fundamentação teórica e Metodologia**

O presente trabalho tem como principal fundamentação teórica a Tese da Crise Orgânica do Capital, bem como a tradição marxista-leninista sobre a qual esta se estrutura. Apoiar-se-á nos textos clássicos dos principais autores desta tradição e nos trabalhos mais recentes que buscam dar continuidade à mesma, em especial no trabalho de Bevilaqua sobre a Crise Orgânica do Capital (BEVILAQUA 2015; 2017; 2020; 2023); bem como em estudos empíricos, históricos e recentes, que subsidiem dados e categorias concretas para a consecução dos objetivos traçados. O método é, conseqüentemente, o materialismo histórico e dialético e, portanto, recorrerá a ciências auxiliares, uma ampla base de cientistas e intelectuais para além desta tradição, para buscar elementos que contribuam com a compreensão da realidade concreta em suas múltiplas determinações. Neste sentido, trabalhos arqueológicos, antropológicos e literários, expressões folclóricas e artísticas que sirvam para apropriar-se da cultura e ciência humanas, em especial latino-americanas, são também ferramentas essenciais para esta pesquisa.

## **3. Resultados intermediários e considerações**

A América Latina é resultado de longo processo histórico que se origina com a expansão do imperialismo europeu, impulsionado pela luta entre o feudalismo decadente e o capitalismo em ascensão na Europa. Os cavaleiros de veste reluzente que aqui chegaram com a espada e a cruz buscavam salvar a alma de um pobre moribundo: o modo de produção feudal. No entanto, em sua espetacular devoção ao ouro e à prata, terminaram por nutrir com todo vigor aquele que enterraria de vez a coroa a que serviam: o sistema bancário da burguesia inglesa, personificação mais contundente do capital na época. Por mais diverso que fossem os povos e culturas que aqui se reuniram no sacrifício aos velhos e novos deuses europeus, foram amalgamadas em um único povo através do genocídio e da miscigenação, sobressai sua “uniformidade sem unidade” (RIBEIRO, 2017, p.21-26). Os descendentes daqueles povos, que hoje habitam a contínua extensão territorial do Rio Grande à Antártica e diversas ilhas no Caribe, se comunicam com apenas dois idiomas e podemos insinuar certa unidade linguística em torno do portunhol; além disso, se distinguem como latino-americanos onde quer que vão, com traços mais acentuados de um ou outro ancestral, constituindo culturalmente “um dos ramos mais floridos do gênero humano”, nutrido por todas matrizes étnicas da humanidade segundo o professor Darcy Ribeiro (op.cit., p.22).

O fantasma capitalista que assombrava a Europa feudal encarnou em Napoleão e seu cavalo branco, empurrando a coroa portuguesa para o Brasil e deixando a monarquia espanhola sem cabeça. Este foi o impulso inicial às lutas pela independência que revigoraram no imaginário dos povos o sonho de liberdade, anunciando o possível salto de qualidade que permitiria participar na geopolítica mundial como atores soberanos. Porém, sob o controle comercial das metrópoles; o desenvolvimento industrial e econômico truncado; e a situação miserável de vida e trabalho dos povos, cuja escravidão

e servidão haviam sido recentemente abolidas (muitas vezes apenas formalmente), não estavam postas as condições para afirmar plenamente o capitalismo. Não obstante, a América Latina manteve seu duplo status. Os levantamentos, rebeliões, guerras e mais variados episódios de luta dos trabalhadores latino-americanos neste processo de transição demonstram o desejo profundo e latente de liberdade que, ainda no século XIX, começava a nutrir-se também das novas ideias trazidas por operários nas diversas ondas migratórias que chegavam aos portos (BEVILAQUA, 2020a, pp.159-169). Menos de um século depois, o fantasma do comunismo assombrava também a burguesia local, como o demonstram episódios como a Revolução Mexicana em 1910 ou, de maneira patente, a primeira Greve Geral brasileira em 1917.

No século XX, já o capitalismo em sua fase imperialista, este duplo status se torna evidente tanto no período das duas Grandes Guerras Mundiais (1914-1945), em que o centro do imperialismo capitalista é passado da Europa para os EUA e é reconfigurado o mapa geopolítico mundial; como durante a Guerra Fria (1947-1991), em que se dá a luta pela hegemonia mundial entre os EUA e a ex-URSS, ou mais precisamente, entre capitalismo e socialismo. Atesta isso a sucessão de governos progressistas, rebeliões populares, levantamentos militares e de civis armados, de caráter nacionalista no primeiro período (1914-45) e de caráter socialista no segundo (1947-91); seguidos da reação violenta de golpes militares, ditaduras, tortura, assassinatos e perseguições perpetradas com o apoio financeiro, material e intelectual dos EUA, em ambos períodos, em todo o continente. A contraditória exceção a esta regra de subordinação forçada, que enfurece a burguesia mundial até hoje, é a República de Cuba, primeira Revolução Socialista na América Latina.

Na atual conjuntura de Crise Orgânica do Capital, o paradigma de valor sobre o qual se construiu o império norte-americano está em crise, levando a ruínas o gigantesco edifício imperial por ele sustentado. O neoliberalismo, última investida dos monopólios para superar a Crise Orgânica, ao tempo que elevou a composição orgânica do capital mundial, buscou flexibilizar toda regulamentação do trabalho e do comércio internacional que, assim como os estados nacionais, tornou-se estreita demais para a velocidade ótica e a dimensão global dos titãs. Recebeu, naturalmente, um repúdio contundente dos povos latino-americanos.

A Anarquia dos Monopólios exigiu, por sua vez, que a burguesia resgatasse os métodos característicos do período de subsunção formal do trabalho, pois apenas a superexploração do capitalismo sem lei pode garantir as taxas de lucro de outrora (BEVILAQUA, 2020b, pp.146-152). A acumulação capitalista – que formalmente já se estende a 24 horas por dia, sete dias por semana – passa a depender cada vez mais destes valores criados fora do mercado formal, que a ávida burguesia financeira incentiva abertamente como empreendedorismo e ocultamente no submundo do capital, em especial no reino do tráfico de drogas, armas, órgãos, pessoas e influências. O aumento extensivo da exploração do trabalho encontra também seus limites no espaço geográfico, levando os monopólios a buscar novas fontes de valor nos vastos continentes submarinos praticamente inexplorados, bem como, no espaço sideral – antes reservado aos monopólios militares, hoje mercado de bens suntuosos. Porém, o nível de capital

fixo para tais empreitadas as restringe a um seleto grupo de monopólios, voltando as atenções a uma joia quase intacta de mais fácil exploração: a biotecnologia.

Assim como o *El Dorado* na utopia feudal, as florestas que até hoje se preservam nas antigas colônias atizam a cobiça do explorador capitalista. E quem preserva hoje este mapa do tesouro são os descendentes daqueles mesmos povos originários, o repositório de saberes acumulados durante milênios em sua relação não antagônica com a natureza, passados quase clandestinamente por gerações marginalizadas pela ciência e a educação burguesas. O fervor filantrópico ao estilo jesuíta é hoje reproduzido nos milhares de missionários na Amazônia, enquanto a academia promove estudos que visam resgatar os saberes tradicionais de diversas antigas etnias, bem como, vasculhar suas reminiscências arqueológicas para convertê-las em alternativas sustentáveis – nos sentidos ecológico e, principalmente, financeiro. O continente onde estão seis dos 12 países mais biodiversos do mundo (CONABIO, 2023) torna-se ainda mais interessante por ser um território livre da ameaça nuclear; potencial que a burguesia internacional enxerga claramente.

Nesta perspectiva, a biotecnologia poderia converter-se em uma arma geopolítica para a América Latina, permitindo pensar uma organização de países detentores deste poderoso recurso com o objetivo de situar-se no plano internacional como nações soberanas que a utilizam como motor de seu desenvolvimento. Assim como fez a Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) na década de 1970, esta organização permitiria a seus membros passarem de objeto a sujeito na geopolítica internacional, participando em situação de vantagem, visto que a Crise Ambiental situa a biodiversidade no centro do debate sobre a manutenção da acumulação e a preservação da própria vida. Diferente da OPEP, esta nova proposta pode representar um modelo de desenvolvimento econômico, social e político compartilhado para toda a região, impulsionando de forma sustentável o desenvolvimento do uso humano da biodiversidade mediante a colaboração científico-técnica e a defesa de sua integridade territorial, em especial, da Amazônia.

Não estão dadas as condições no nosso continente para um salto de qualidade rumo a um modo de produção superior, mas a situação histórica se apresenta como uma encruzilhada: seguir sustentando o imperialismo estadunidense, e testemunhar a intensificação da superexploração violenta de todos os povos sob sua hegemonia; ou contribuir com a construção de uma alternativa, um caminho que leva a uma nova ordem multipolar e multilateral, de hegemonia compartilhada, que respeite o desenvolvimento dos povos, a igualdade e soberania de todas as nações, e a preservação dos recursos naturais essenciais para a manutenção da vida, em especial da espécie humana. Os BRICS já lançaram para o mundo uma proposta neste sentido, e o Brasil – como membro fundador, país mais biodiverso do mundo e principal economia da região – pode ser o interlocutor que conduz os interesses latino-americanos ao centro da nova geopolítica mundial. Devemos sistematizar nossos saberes ancestrais, desenterrar os meios de produção de nossos antepassados, honrar todas matrizes étnicas que compõem nossa cultura, e submergirmos em nossas florestas para redescobrir a América Latina; não no intuito de resgatar o passado, mas para salvar o futuro.

#### 4. Referências

BEVILAQUA, Aluisio P. **Reacender a Chama: Teses sobre a Revolução Brasileira**. Rio de Janeiro: Inverta, 1996.

\_\_\_\_\_. **Crise Orgânica do Capital: o valor, a ciência e a educação**. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará em agosto de 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/13217>. Último acesso 30/09/24.

\_\_\_\_\_. **Crise Orgânica do Capital: o valor, a ciência e a educação**. V. 1. Rio de Janeiro: Inverta; Fortaleza: Edições UFC. 2017.

\_\_\_\_\_. Perspectivas para a luta contra o neoliberalismo no Brasil sob a conjuntura de Crise Orgânica do Capital. In: **Perspectivas para conjuntura de Crise Orgânica do Capital: nacional e interancional**. Edição Impressa. Rio de Janeiro, Inverta. 2020a.

\_\_\_\_\_. A Crise Orgânica do Capital, a nova geopolítica e o Brasil: ou a independência da independência. **Revista Ciência & Luta de Classes**, v.6, n.9. 30 de outubro, 2023. disponível em: <https://revistaclc.ceppes.org.br/online/article/view/111/122>. Último acesso 30/09/24.

BEVILAQUA, Julia M. P. Luta contra o neoliberalismo na conjuntura internacional de Crise Orgânica do Capital. In: **Perspectivas para conjuntura de Crise Orgânica do Capital: nacional e interancional**. Edição Impressa. Rio de Janeiro: Inverta, 2020b.

CONABIO, Comisión Nacional para el Conocimiento y Uso de la Biodiversidad. **México Biodiverso**. Site 'Biodiversidad Mexicana'/ seção 'País'. Disponível em: <https://www.biodiversidad.gob.mx/pais/quees>. Último acesso 30/09/24.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina: a Pátria Grande**. 3ª ed. São Paulo: Global, 2017.

SIPRI. Stockholm International Peace Research Institute. **World military expenditure reaches new record high as European spending surges**. Release sobre publicação do anuário SIPRI 2023 sobre gastos militares no mundo. Disponível em: <https://www.sipri.org/media/press-release/2023/world-military-expenditure-reaches-new-record-high-european-spending-surges>. Último acesso 30/09/24.